

DÊITICOS DE LUGAR NO GALEGO, PORTUGUÊS EUROPEU E
PORTUGUÊS DO BRASIL CONTEMPORÂNEOS: PROPOSTA DE
DESCRIÇÃO/EXPLICAÇÃO

PLACE DEICTICS IN CONTEMPORARIES' GALICIAN, PORTUGUESE
OF PORTUGAL AND PORTUGUESE OF BRAZIL:
DESCRIPTION / EXPLANATION PROPOSAL

Jussara Abraçado

Universidade Federal Fluminense
almeidamja@globo.com

Rachel Maria Campos Menezes de Moraes

Universidade Federal Fluminense
rachel.maria.moraes@gmail.com

RESUMO:

Os dêiticos de lugar, em amostras de fala do Galego, Português Europeu e Português do Brasil contemporâneos, constituem o tema deste trabalho que postula haver ligação entre a ativação de esquemas imagéticos e o emprego de dêiticos de lugar. Fundamentado, teoricamente, na Linguística Cognitiva, apoia-se no conceito de esquema imagético, para desvelar relações entre alguns esquemas imagéticos e contextos de uso de dêiticos de lugar nas variedades em estudo.

PALAVRAS-CHAVE: dêixis de lugar; esquemas imagéticos; galego; português europeu; português do Brasil.

ABSTRACT: The place deixis in speech samples of contemporaries' Galician, Portuguese of Portugal and Portuguese of Brazil are the subject of this paper which aims to uncover connection between imagetic schemes and the use of place deictics. In accordance to Cognitive Linguistic, this paper relies on the concept of an imagetic schemes to unveil relationships between some imagetic schemes and contexts of use of place deictics in the varieties under study.

KEYWORDS: place deixis; imagetic schemes; Galician; Portuguese of Portugal; Portuguese of Brazil.

1. O fenômeno da dêixis

Apesar de ter sido aplicada à descrição das línguas desde a Antiguidade (como termo metalinguístico, dêixis foi usado, pela primeira vez, pelos gramáticos gregos), só muito mais tarde a noção de dêixis passou a ocupar o lugar que hoje lhe é atribuído na teorização linguística (FONSECA, 1996, p. 438).

A dêixis é um dos vários temas que têm merecido a atenção da linguística contemporânea, em especial, da Linguística Cognitiva (LANGACKER, 2002; 2006). Por expressão dêítica entende-se aquela que inclui o evento de fala em seu âmbito. Nas palavras de Fonseca (1996), nota-se ainda o sentido de “apontar”, imanente ao sentido etimológico:

pelo seu sentido etimológico, o termo dêixis está relacionado ao gesto de apontar: um gesto, um fazer que, pressupondo uma situação de comunicação face a face e uma intencionalidade significativa comum a dois sujeitos se situa a meio caminho do dizer. (FONSECA, 1996, p. 438)

Na segunda metade do século XX, com o desenvolvimento dos estudos enunciativos, a dêixis teve seu conceito ampliado para “indicador de subjetividade”. Isso observou-se principalmente a partir dos estudos de Benveniste (1989; 1991a; 1991b; 1991c), para quem a dêixis compõe-se por três elementos: pessoa, espaço e tempo situados em um contexto enunciativo.

Para Lyons (1987):

A propriedade essencial da dêixis [...] é que ela determina a estrutura e a **interpretação** dos enunciados em relação à hora e ao lugar de sua ocorrência, à identidade do falante e do interlocutor, aos objetos e eventos, na situação real de enunciação. Por exemplo, o referente de “aquele homem lá” só pode ser identificado com relação ao uso da expressão por alguém que se encontra em determinado lugar, em determinada ocasião. O mesmo se dá com “ontem” e muitas outras expressões dêíticas. (LYONS, 1987, p. 163, grifo nosso).

Fillmore (1971) também contribuiu para os estudos do fenômeno dêítico, ao propor a ampliação das categorias tradicionais da dêixis (dêixis de pessoa, tempo e lugar) acrescentando as categorias de dêixis discursiva e dêixis social à classificação clássica. De fato, para Fillmore, dêixis é um nome dado às propriedades formais de enunciados que são interpretados por determinados tipos de conhecimento e de aspectos do ato da comunicação, em uma dada situação comunicativa, em que se incluem: (1) a identidade dos interlocutores, coberta

pelo termo *dêixis de pessoa*; (2) o lugar ou lugares em que os indivíduos estão locados, para os quais se tem o termo *dêixis de lugar*; (3) o tempo em que o ato de comunicação se situa: neste caso é necessário distinguir o tempo em que a mensagem é enviada e o tempo em que a mensagem é recebida, que, juntos, recebem a denominação de *dêixis de tempo*; (4) a matriz de material linguístico em que o enunciado tem um papel, isto é, as partes precedente e a seguinte do discurso, que remetem à *dêixis discursiva*; (5) as relações sociais que envolvem os participantes do ato de comunicação, que determinam, por exemplo, a escolha de tratamento honorífico ou polido ou íntimo etc., que se agrupam sob o rótulo de *dêixis social* (FILLMORE 1971;1997).

Também Levinson (2007) ampliou o fenômeno dêítico, ao relacioná-lo a diversos contextos enunciativos no âmbito da pragmática e relacionar a dêixis às formas que as línguas codificam ou gramaticalizam os traços do contexto da enunciação (ou do evento de fala) e, em função disso, também se relaciona às formas de interpretação das enunciações.

Vemos, então, que a dêixis propicia aos sujeitos que estabeleçam um ponto de referência no discurso a partir de relações temporais, espaciais, sociais e discursivas. Acatando a contribuição desses estudiosos, mas adotando um viés cognitivista,

entendemos que semelhantemente à maneira como nos orientamos no mundo ambiental e nos adaptamos a novas situações enfrentadas _ por exemplo, buscando caminhos que nos livrem de pedras, espinhos, lugares escuros e situações de perigo _ também nos orientamos nos atos de comunicação, nos adaptando aos contextos comunicativos em que ocorrem. E, ainda, semelhantemente à maneira em que, dependendo das circunstâncias, uma pedra em nosso caminho pode representar um obstáculo ou uma arma com a qual podemos nos defender de possíveis ataques, nos atos comunicativos, inferimos posições, condições, intenções, perspectivas etc., nossas e de nossos interlocutores, com base no contexto comunicativo em que nos encontramos (ABRAÇADO, 2011, p.211)

1.2. Os dêíticos de lugar

A descrição dos dêíticos de lugar, em geral, baseia-se na oposição entre ‘o que está próximo’ e ‘o que está afastado’ do falante. Nessa linha, Pontes (1992), explica a oposição espacial entre aqui/aí/ali/lá. Para a autora, há uma oposição entre aqui/aí/ali/lá que se deve a uma questão de proximidade e distância:

Vê-se que *aí* opõe-se a *aqui* por um único traço: um indica próximo ao falante, o outro próximo a ouvinte.

Já *ali* opõe-se a *aqui* por referir-se um a mais perto, outro a menos perto. É uma questão de gradação. Trata-se de um *continuum* em que a relação de contiguidade é maior com *aqui* e menor com *ali*. Esta gradação se completa com *lá*. (Pontes 1992:13).

Partindo dessa premissa, Pontes (1992) estabelece uma escala entre pólos opostos, com a seguinte distribuição: *aqui* > *ali* > *lá*. Tal distribuição é apresentada em um quadro que ilustra as relações semânticas que vigorariam entre os dêiticos *aqui*, *aí*, *ali* e *lá*, em termos de distância, sendo postulados três graus de distância, e em termos de pessoa, estando especificadas a primeira, a segunda e a terceira pessoas. Apresentamos o referido quadro a seguir:

Quadro 1: Proposta de Pontes (1992). Fonte: Pontes (1992, p.16)

Pessoa	Distância		
	1	2	3
1	Aqui		
2	Aí		
3		Alí	Lá

Teixeira (2005), referindo-se ao estudo de Pontes (1992), diz que

A inexactidão desta análise quase que a leva à completa falsidade. O pré-conceito estruturalista de que as unidades se tendem a opor por um único traço opositivo não deixa Pontes ver que a distância é apenas um dos elementos que entra em todo o modelo e, por vezes, nem sequer o elemento mais importante, podendo mesmo ser “ignorado”. (TEIXEIRA, 2005, p.451),

Acrescenta ainda o autor que

Em primeiro lugar, *lá* não pertence ao mesmo quadro opositivo de *aqui/aí/ali*. Pertencerá, antes, a um outro, constituído apenas por *cá/lá/(acolá)*. É evidente que os dois quadros se podem “misturar” numa situação de comunicação, embora a oposição *cá/lá* não se estruture em função das relações 1^a/2^a/3^a pessoa. Tal como *aqui*, *cá* pode referir-se apenas à situação da 1^a pessoa. (TEIXEIRA, 2005, p.451)

De acordo com o autor,

a oposição *ai/lá* não pode figurar num único quadro, nem muito menos se estrutura em função de uma menor ou maior distância. Repare-se que ao telefone eu posso perfeitamente dizer:

9) Pela janela vejo a neve **lá** fora, mas sei que **aí** no Rio de Janeiro está muito calor.

Neste caso, a relação de distância é exactamente antagónica à apresentada por Pontes: o *lá*, que deveria corresponder a [+distância], corresponde a alguns metros e o *ai*, que deveria equivaler a [-distância] corresponde a muitos milhares de quilómetros.

Argumentando que *cá/lá/(acolá)*¹ e *aqui/ai/ali* não se estruturam em função das três pessoas verbais, mas em função da situacionalidade do Locutor e do Alocutário, Teixeira (2005) propõe um quadro, que apresentamos a seguir, em que estão dispostos os dêiticos de lugar, conforme categorizados por ele, em função da situacionalidade do locutor (LOC) e do alocutário (ALOC):

Quadro 2: Proposta de Teixeira (2005). Fonte: Teixeira (2005, p.452)

Espaço do Loc	Espaço do Aloc	Espaço não pertencente ao Loc e Aloc
Aqui	aí	ali
Cá		lá, acolá

Nesse quadro, podemos notar que “aqui” e “cá” são considerados espaços do Locutor e “aí” é considerado espaço do Alocutário. Já “ali”, “lá” e “acolá” são considerados espaços não pertencentes nem ao Locutor, nem ao Alocutário.

Se, por um lado, conforme constatamos, o elemento configurador não pode ser prioritariamente a distância, por outro, como salienta Teixeira (2005), a distância também não pode ser ignorada do modelo dos configuradores espaciais, por fazer parte da intuição dos falantes. Para o autor, o problema se resolve se atentarmos para aspectos cognitivos das experiências humanas, que constantemente demonstram que a posse e o acesso a coisas são dificultados por fatores diversos, entre os quais, está a distância, que é o mais frequente. O autor acrescenta, no entanto, que a distância é apenas um dos condicionantes

¹ A respeito do marcador *acolá*, Teixeira destaca que, apesar de estar, costumeiramente, no mesmo grupo de *cá*, *lá*, o dêitico *acolá* representa valores um pouco diferentes dos outros dois, que constituem oposição binária e, por isso, teria sido colocado entre parênteses.

da acessibilidade. Por isso mesmo, o que constitui o verdadeiro fator no Quadro 2, segundo ele, é “a distância em função da acessibilidade”. Contudo, cumpre destacar que,

Embora seja a distância em função da acessibilidade que enforma genericamente estes dois grupos de marcadores espaciais, tal vertente não é (até para justificar a respectiva existência) conceptualizada da mesma forma pelos dois grupos. A diferença fracturante entre os dois grupos (*cá/lá/acólá*), por um lado e *aqui/aí/ali*, por outro) reside no facto de *cá/lá* assentar prototipicamente na metáfora do contentor, ou seja, *cá/lá* pressupõem um espaço englobante, um espaço que contém um determinado sujeito que ocupa uma centralidade. Ao inverso, *aqui/aí/ali* indicam não espaços, mas lugares, sítios. Pode dizer-se que enquanto *cá* é um espaço sem fronteiras marcadas onde o LOC se insere, *aqui* designa um espaço demarcável próximo do locutor. Esta diferença fundacional acarreta divergentes possibilidades de referencialidade para os dois marcadores: o espaço de *aqui* porque demarcável, pode coincidir com um ponto, pode apontar-se; o de *cá*, não. (TEIXEIRA, 2005, p. 454)

Tomando como base o trabalho de Teixeira (2005) desenvolvemos nossa proposta de relacionar os dêiticos de lugar *aqui, cá, aí, ali, lá e acólá* aos espaços do locutor e do alocutário, uma vez que, conforme demonstraremos mais adiante, a proposta não dá conta de usos corriqueiros dos dêiticos de lugar nas três variedades em estudo. Nossa proposta consiste ainda em relacionar o uso de dêiticos de lugar à ativação de esquemas imagéticos.

2. A inclusão do galego como variedade em estudo

A presente pesquisa se insere no projeto Galego e Português Brasileiro: história, variação e mudança, desenvolvido por pesquisadores da Universidade Federal Fluminense (UFF), da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade de Santiago de Compostela (USC), cujo objetivo inicial, o de promover a comparação entre falas galegas e brasileiras, foi modificado para abranger também a variedade portuguesa. O projeto principal está voltado para o desenvolvimento de pesquisas conjuntas que consigam detectar os pontos críticos e delimitar os princípios metodológicos adequados à comparação entre as variedades em questão. Adicionalmente, considerando-se a origem comum galego-portuguesa das variedades linguísticas comparadas, propõe a investigação de fenômenos linguísticos observados na Galiza, em Portugal e no Brasil, buscando-se assim ampliar o escopo comparativo até agora utilizado

na explicação dos traços próprios do PB, e compreender melhor os fenômenos até então considerados característicos do galego e/ou do PP.

Sabe-se que o território em que se formou o romance galego-português corresponde à província romana da *Gallaecia* _ que abrangia unidades administrativas romanas anteriormente denominadas *conventus bracarenensis*, *lucensis*, *asturicensis* e *cluniensis* _ constituída no fim do século III, durante o mandato do imperador Diocleciano, sobre uma base étnica indígena que já apresentava relativa unidade cultural (Baldinger 1963). Sua situação periférica, no extremo mais ocidental do mundo conhecido, no *Finis Terrae*, permitiu que se mantivesse linguisticamente distante das inovações que emanavam de Roma. Posteriormente, o domínio suevo e as consequências que as invasões árabes, a partir do século VIII, tiveram sobre a reestruturação dos reinos peninsulares fizeram com que se acentuasse a autonomia cultural e linguística do território que compreendia a Galiza e o norte de Portugal (Teyssier 1989, Monteagudo 1999, Condé 2005).

Embora reconheça a relativa unidade cultural de tal região, a linguística românica tem preferido considerar como critérios de classificação as fronteiras políticas constituídas. Lausberg, numa epígrafe, em que o português figura como uma das línguas românicas atuais, refere-se ao processo de propagação do português, que teria sido levado ao sul, durante a Idade Média, nas guerras de conquista e ocupação de territórios que estavam sob domínio muçulmano. Segundo Lausberg, essa variedade medieval recebe o nome de “português arcaico”, embora constitua, de acordo com as suas próprias palavras, o “dialeto fronteiriço galego”. Essa duplicidade terminológica, que se resolve em favor do nome da língua nacional, deriva da impossibilidade de se encaixar nos estreitos limites da fronteira política atual portuguesa o processo de formação da língua. Sendo assim, o “dialeto galego” transforma-se em “língua portuguesa” a partir de um fato político: a constituição do reino de Portugal em 1139. Sobre o “dialeto da Galiza”, Lausberg diz apenas que “pertence hoje ao domínio da língua escrita espanhola”.

O estudo histórico comparado tem adquirido uma grande relevância no Brasil nos últimos anos. Contudo, tende-se a privilegiar a comparação de falas dialetais circunscritas nas fronteiras políticas do Estado de Portugal, contrastando com a atitude comparativa de estudos clássicos como *O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes (1953), que contém constantes referências ibéricas (dos dialetos portugueses, galego, leonês, asturiano, aragonês, catalão), para abonar quase todos os fenômenos descritos. Essa atitude “romanista”, nem sempre presente nos estudos históricos, é reivindicada neste projeto, sem que

isso signifique que, em circunstâncias históricas e sociais concretas, hipóteses explicativas dos fenômenos linguísticos baseadas no contato entre o português e línguas africanas ou indígenas não sejam as mais adequadas. Nesse sentido, entende-se que uma comparação ampla das variedades do sistema linguístico histórico galego-português poderá lançar novas luzes sobre o alcance dessas hipóteses.

Cumprе destacar, contudo, que a comparação entre o português brasileiro e o galego poderia ser enfocada como uma simples comparação entre duas línguas românicas. Entretanto, para nós, pesquisadores envolvidos no projeto em questão, há o prisma de um contraste entre duas ramas, numa abordagem em que as variedades em tela são tidas como dois subsistemas de um mesmo diassistema linguístico². Assim sendo, postulamos que existe uma linha de *filiação genética* entre o galego e o PB, que remonta ao romance galego (ou galego-português) medieval, através do português clássico (e não somente ao latim / protorromance ‘comum’).

Entendendo a expressão *filiação genética* como contrapondo-se à *continuidade histórica* _ de forma que, enquanto o primeiro se refere a fatos estritamente linguísticos, o segundo remete a fenômenos sociais, políticos e culturais, a proposta de assumir o viés da filiação genética, pressupõe considerar, na explicação dos fenômenos linguísticos analisados, a *evolução diacrônica do sistema linguístico*. Para tanto, estão previstas pesquisas de natureza pancrônica, que busquem descrever os subsistemas em estudo em sua contemporaneidade e em diversas sincronias anteriores, de forma a levantar subsídios que permitam interpretar e explicar possíveis casos de variação e/ou de mudança linguística verificados nas variedades em comparação.

3. O modelo teórico

A Linguística Cognitiva pode ser compreendida como uma abordagem perspectivada da linguagem que se relaciona à experiência humana. Segundo esta abordagem perspectivada como meio de conhecimento, as unidades e estruturas da linguagem são estudadas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, assim como da organização conceptual, de princípios de

² A noção de *diassistema* adotada no projeto principal remete ao âmbito sistemático-linguístico, não prejulgando a existência de uma comunidade linguística que lhe corresponda. Assim sendo, cabe ao termo *polissistema* referências ao plano dos fenômenos sócio-históricos, à língua como instituição, ou como um sistema de sistemas (semelhantes, mas estruturalmente heterogêneos) integrados simbolicamente.

categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual.

Segundo Silva (1997), destacam-se, dentre os temas estudados pela Linguística Cognitiva as características estruturais da categorização linguística (tais como prototipicidade, polissemia, modelos cognitivos, metáfora e imagens mentais), os princípios funcionais da organização linguística (iconicidade e naturalidade), a interface conceptual entre sintaxe e semântica, a base pragmática e ligada à experiência da linguagem-no-uso e a relação entre linguagem e pensamento (incluindo questões sobre o relativismo e sobre os universais conceptuais).

Um dos maiores estudiosos dessa corrente teórica é Ronald W. Langacker que, com a obra “Cognitive Linguistics: Basic Readings”, estabeleceu importantes parâmetros para o desenvolvimento de estudos na área. Segundo o autor, a Gramática Cognitiva (em inglês *Cognitive Grammar*, CG) não é descritível sem referência essencial ao processamento cognitivo. As estruturas gramaticais, desta forma, não constituem um sistema formal autônomo, mas são simbólicas (LANGACKER, 2002; 2006).

A Gramática Cognitiva postula, assim, três tipos de estruturas: semântica, fonológica e simbólica. As estruturas simbólicas, que não são diferentes dos outros dois tipos, residem na simbolização de estruturas semânticas por estruturas fonológicas. Nas palavras de Langacker (2006, p. 45), “Uma unidade simbólica é considerada “bipolar” e consiste de uma unidade semântica definindo um polo e uma unidade fonológica definindo o outro” (Tradução nossa). Ainda segundo o autor, “[...] unidades gramaticais são intrinsecamente simbólicas. Estas unidades variam de acordo com os parâmetros de complexidade e especificidade. Vale ressaltar ainda que, com respeito ao padrão, uma unidade é no mínimo um morfema se não contiver nenhuma outra unidade simbólica como componente. (LANGACKER, 2006, p. 45).

O princípio central da Gramática Cognitiva é o de que a Morfologia e a Sintaxe são também de natureza simbólica. Somente estruturas simbólicas são necessárias para a caracterização completa e adequada da estrutura gramatical. Segundo Langacker “[...] a Morfologia e o léxico são vistos pela Gramática Cognitiva como um continuum de estruturas simbólicas” (LANGACKER, 2006, p. 29 tradução nossa).

Cumprido destacar que a Linguística Cognitiva, conforme explica Morato (2010), elege como pré-requisito para a descrição linguística, o uso de um conhecimento prévio do mundo (*backstage cognition*), do qual fazem parte fatores biológicos, psicológicos, históricos e socioculturais.

Neste trabalho, pretendemos nos apoiar no conceito de esquemas imagéticos para explicar o emprego dos dêiticos de lugar. Os esquemas imagéticos, segundo Johnson (1987), emergem diretamente da experiência corpórea pré-conceptual e correspondem a estruturas cognitivas procedentes das experiências sensoriomotoras.

De acordo com Johnson (1987), as estruturas dos nossos conceitos espaciais emergem de nossas experiências conceptuais provenientes de nossa interação com o ambiente físico. Essas experiências proporcionam ao ser humano as noções de orientação, forma, equilíbrio, entre outras (SOUSA, 2012).

Segundo PINA (2006), “Os esquemas imagéticos são estruturas abstratas e genéricas advindas de experiências sensório-motoras, facultadas pelas características da espécie humana.” Ainda segundo a autora, as imagens esquemáticas são de natureza sinestésica, já que dizem respeito a diversas atividades do ser humano no espaço, tais como orientação, movimento, equilíbrio, forma, etc.

Apresentamos, a seguir, a caracterização dos principais esquemas imagéticos, de acordo com Duque (2015, p. 34-35) e com Miranda (2008, p. 35-36):

- I. Contêiner (interior X exterior): diversos conceitos, como por exemplo, a forma de experienciar nossos corpos, a sociedade, família e casamento podem ser explicados com base neste esquema imagético, segundo o qual, “toda e qualquer coisa sempre está ou dentro ou fora de um recipiente. Se o recipiente B está dentro do recipiente C, e A está dentro do recipiente B, então A está dentro de C também.” (DUQUE, (op. Cit., 2015, p. 33).
- II. Ligação parte-todo: Este esquema imagético pode ser compreendido como a relação parte/todo, que é assimétrica, uma vez que se A é parte de B, então B não pode ser parte de A. Não pode ocorrer o todo sem as partes, mas podemos realçar partes específicas do todo. Só existe o todo se as partes estiverem em uma configuração. Conceitos como sociedade, casamento, família etc. podem ser emulados na base do esquema parte-todo. O conceito geral de estrutura, em si, é esquematizado como parte-todo.
- III. Ligação centro-periferia: Este esquema imagético se baseia na ligação assimétrica entre centro e periferia. Com base neste esquema, as teorias, por exemplo, apresentam princípios centrais e periféricos; também nossos corpos podem ser explicados de acordo com este esquema em que o tronco e órgãos internos são entendidos como centrais, e a pele, os dedos e unhas, como periféricos. Neste esquema, o que é central é tido como mais importante. A ligação entre centro e periferia, ainda justapõe elementos em radicalidade.

- IV. Trajetória (e ligação entre os pontos da trajetória): tem como fundamento o deslocamento de um corpo de uma origem a um destino, ao longo de um percurso, passando por pontos intermediários desse percurso. Todo movimento pressupõe um ponto de partida e um ponto de chegada e, ainda, uma sequência contínua de espaços que conectam os pontos em uma dada direção.
- V. Ligação trajetor- marco: este esquema tem como base o deslocamento de um trajecto em relação a um marco. Fundamenta-se em experiências como a de nossos corpos em movimento no espaço ou a de entidades que vemos se movimentarem de um ponto a outro no espaço.
- VI. Força: A força, assim como a causalidade, é uma estrutura gestáltica. Segundo Miranda, (2008, p. 35-36) “O esquema imagético da força, então, é um todo organizado que se forma em razão das experiências humanas repetidas cotidianamente, constituindo um complexo de propriedades que ocorrem em conjunto, sendo que o todo é considerado mais básico e mais facilmente compreensível do que suas partes, analisadas separadamente”. (idem, p. 36). A força é uma atividade complexa, mas é normalmente pouco percebida por estar em todo lugar. Quando há um desequilíbrio, todavia, nota-se sua presença. Pode-se notar este esquema quando o vento, por exemplo, transforma-se em um furacão. Temos tendência, também, a negligenciar a nossa força e a do nosso ambiente. Ainda segundo a autora, “Facilmente esquecemos que nossos corpos são clusters (grupamento, várias unidades) de força, como também não lembramos que em todo evento no qual somos uma parte consistente, ainda que minimamente, há forças em interação (JOHNSON, 1987, p. 42). (Miranda, (2008, p. 36)

Em relação ao Esquema Imagético de Força, salientamos que a força, como é uma estrutura complexa, possui algumas características típicas que desempenham alguns papéis em nosso senso de força e devem ser destacadas: uma delas é ser experienciada sempre através da interação. Deste modo, temos consciência da força quando ela nos afeta ou atinge algum objeto no nosso campo perceptual. Assim sendo, não há esquema de força que não envolva interação ou interação potencial. A segunda característica é a de que sempre há uma estrutura ou sequência de causalidade envolvida na interação de forças, pois são elas os meios pelos quais atingimos ou realizamos interações causais. A terceira é a gradação ou intensidade da força, pois se há uma força, existe a possibilidade de medir sua intensidade. (JOHNSON, 1987, p. 43).

Considerando que os esquemas imagéticos emergem diretamente da experiência corpórea pré-conceitual e que as estruturas dos nossos conceitos espaciais emergem de nossas experiências conceptuais provenientes de nossa interação com o ambiente físico, entendemos ser bastante natural a relação que postulamos haver entre o acionamento de esquemas imagéticos e o emprego de dêiticos de lugar.

Neste trabalho, na análise dos dados que empreenderemos a seguir, vamos tomar como base a proposta de Teixeira (2005), no que diz respeito à relação entre os dêiticos de lugar e os espaços do locutor e do alocutário, para alicerçar a nossa proposta e, ainda, vamos demonstrar a importância de se estabelecer relação entre dêiticos de lugar e esquemas imagéticos.

4. Análise de amostras de fala nas três variedades

Neste trabalho, analisamos, qualitativamente, as ocorrências de dêiticos de lugar em quatro fragmentos de fala. Tais fragmentos foram extraídos de três diferentes *corpora*: (1) galego: livro “A Nosa Fala Bloques e Árias Linguísticas do Galego”, de autoria de FRANCISCO FERNÁNDEZ REI e CARMEHERMIDA GULÍAS; (2) PP: Banco do Dados Português Falado – Variedades Geográficas e Sociais, constituído em parceria estabelecida entre o Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, a Universidade de Toulouse-Le-Mirail e a Universidade de Provença-AIX-Marselha; (3) PB: Amostra Senso 1980, do Projeto Peul (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Passemos a análise das ocorrências dos dêiticos de lugar nas três variedades em estudo.

4.1. Galego

(1) Informante: sexo feminino; idade: 38 anos; profissão: Industrial.

(...) once anos que traballa nesto do espetáculo, è, eu è mais o meu fillo pos traballamos aquí, no, no bar. O meu fillo aora está libre de quintas è quere levar el a cafetería. Eu axúdolle no que poida asta que se case. Cando se case è teña a súa muller pos, eu irei co meu hòme por alí ás fèstas, è axudareille a el no do espetáculo-lo, no que pòida. Tèn unha oficina en Monterroso, montada, è tèn outra en Melide. È a, a principal è aquí en Melide; è despós tèn unha delegación alá, porque el traballa moito a zona de Monterroso; traballa, as fèstas todas darredor de Monterroso fainas el. È entonces pos compramos alí un local è puxo alí unha oficina pa estar máis tranquilo, non ter que andar polos bares adiante enseñándolle á xènte os, os cartèles è enseñándolle á xènte as cousas è

bebendo, se cadra o que non eso. È está na súa oficina, a xènte vai alí, (1d) tèn o seu teléfono, tèn o seu fas alí que...

Como podemos observar, há em (1) oito ocorrências de dêiticos de lugar, duas representadas pelo dêitico “aqui”, uma representada pelo dêitico “aí”, uma representada pelo dêitico “alá” e quatro representadas pelo dêitico “alí”.

Já nas duas ocorrências do primeiro dêitico, no caso “aqui” (once anos que traballa nesto do espetáculo, è, eu è mais o meu fillo pos traballamos aquí, no, no bar e Tèn unha oficina en Monterroso, montada, è tèn outra en Melide. È a, a principal è aquí en Melide), constatamos não haver uma correspondência perfeita com a proposta de Teixeira (2005), segundo a qual “aqui” corresponderia ao espaço do locutor. Note-se que o dêitico “aqui” nas ocorrências em questão se refere a um espaço pertencente ao locutor e ao alocutário [+LOC; +ALOC].

Não podemos deixar de mencionar que Teixeira (2005) reconhece que há muitos usos que não se encaixam em sua proposta:

Como todas as unidades linguísticas, juntamente com estes valores prototípicos, múltiplos usos mais periféricos, relativamente ao protótipo espacial, asseguram-lhes uma enorme plasticidade semântica. Por isso mesmo, em muitos usos, um marcador de um grupo pode ser substituído por um do outro quando o valor que está em causa não é o que os divide, mas o um (sic) valor partilhado. (TEIXEIRA, 2005, p. 465)

Entretanto, para nós, empregos como este de “aqui”, e de outros dêiticos de lugar conforme pretendemos demonstrar, não podem ser considerados periféricos. Tratam-se de usos corriqueiros em situação comunicativa prototípica, ou seja, de interação face a face. Adicionalmente, entendemos que tais usos podem ser explicados se associados aos esquemas imagéticos inerentes aos enunciados em que esses dêiticos ocorrem. No caso em questão, o esquema imagético acionado em ambas as ocorrências é o esquema imagético de contêiner, pois tanto na primeira quanto na segunda, o bar e a cidade de Melide, respectivamente, são conceptualizados como recipientes: na primeira, o bar “em que” a falante e seu filho trabalham e, na segunda, o bairro “em que” o marido da falante tem um escritório (oficina) (Melide).

O dêitico “aí”, em sua única ocorrência (Cando se case è teña a súa mullèr pos, eu irei co meu hòme por aí ás fèstas, è axudareille a el no do espetácu-lo, no que pòida), também não está em consonância com a proposta de Teixeira (2005), segundo a qual “aí” corresponderia ao espaço do alocutário. Embora saibamos que “aí” possa configurar, em muitos usos, um espaço do alocutário,

neste fragmento, o dêitico “aí” refere-se a um lugar equidistante do falante e do ouvinte, ou seja, constitui um espaço não pertencente ao locutor nem ao alocutário, configurando-se, portanto, como [-LOC; -ALOC].

Há, nesta ocorrência, a ativação do esquema imagético de ligação centro-periferia, pois o locutor conceptualiza o local em que se encontra junto com o alocutário como sendo o centro e se refere a um lugar nas redondezas, correspondente à periferia.

A única ocorrência do dêitico “alá (Tèn unha oficina en Monterroso, montada, è tèn outra en Melide. È a, a principal è aquí en Melide; è despós tèn unha delegación alá, porque el traballa moito a zona de Monterroso), refere-se a um espaço não pertencente ao locutor nem ao alocutário, configurado por [-LOC; -ALOC], estando de acordo com a proposta de Teixeira (2005). Há, nesta ocorrência, a ativação do esquema imagético de contêiner, de forma que o locutor e o alocutário encontram-se no interior do contêiner (aquí en Melide), e o local referido está fora de Melide (unha delegación alá, porque el traballa moito a zona de Monterroso).

O emprego do “alí, nas quatro ocorrências detectadas (È entonces pos compramos alí un local è puxo alí unha oficina pa estar máis tranquilo, non ter que andar polos bares adiante enseñándolle á xènte os, os cartèles è enseñándolle á xènte as cousas è bebendo, se cadra o que non eso. È está na súa oficina, a xènte vai alí, tèn o seu telêfono, tèn o seu fas alí que...), também está em consonância com a proposta de Teixeira (2005), pois se refere a um espaço que não pertence ao locutor nem ao alocutário [-LOC; -ALOC;]. Não podemos deixar de assinalar, contudo, que embora todas as ocorrências de “alí” se caracterizem como [-LOC; -ALOC], há diferenças em termos de conceptualização do lugar a que se referem. Nas duas primeiras ocorrências é ativado o esquema imagético de ligação centro-periferia, estando o locutor e o alocutário na região conceptualizada como centro, enquanto o locutor se refere a um lugar nas redondezas, correspondente à periferia. Já na terceira é ativado o esquema imagético de ligação trajetor-marco, em que a oficina é conceptualizada como um marco (a xènte vai alí). Na quarta e última ocorrência de “alí”, o esquema imagético ativado é o de contêiner, sendo a oficina conceptualizada como um recipiente que contém o telefone e o fax.

4.2 Português Europeu

(2) Informante: sexo masculino; idade: 22 anos; profissão: Estudante.

(...) consegui ir ao Hospital de Santa Maria, fizeram-me uma carrada de exames, viram realmente que era o sistema nervoso, disseram-me logo “o senhor

é um indivíduo nervoso, eh, não lhe acha[...], não lhe encontramos absolutamente mais nada” - fiz desde o coração à cabeça, até ressonância magnética fiz. e então chegaram à conclusão que era do sistema nervoso. eu andava a tomar três valium cinco por dia, o médico disse-me logo se eu andava a ser tratado por um veterinário cá da zona

(3)

(...) eles também não achavam muita razão para aquilo, e então, também tive uma crise, mesmo dentro do hospital tive uma crise dessas do ritmo cardíaco me acelerar. aproveitaram, tinham os alunos na altura, foram chamar o professor que estava a dar aula, e eles vieram todos para ali.

Em (2) podemos observar uma única ocorrência do dêitico “cá” (eu andava a tomar três valium cinco por dia, o médico disse-me logo se eu andava a ser tratado por um veterinário cá da zona), que também contraria a proposta de Teixeira (2005), pois, para o autor, o dêitico “cá” refere-se a um espaço pertencente apenas ao locutor. Podemos atestar, contudo, que neste fragmento, o dêitico “cá” refere-se a um espaço do locutor e do alocutário [+LOC; +ALOC]. A respeito do esquema imagético acionado, pode-se notar, que, neste trecho, o esquema imagético ativado é o de ligação centro-periferia, pois o local (zona) é conceptualizado como uma região, em que o locutor e o alocutário se encontram, distinta daquela em que se situa o hospital, de onde o médico teria feito o comentário relatado pelo locutor.

Como podemos observar, há em (3) uma única ocorrência do dêitico “ali” (tinham os alunos na altura, foram chamar o professor que estava a dar aula, e eles vieram todos para ali). Este uso está em consonância com a proposta de Teixeira (2005), pois o espaço referido não pertence ao locutor nem ao alocutário. O esquema imagético ativado nesta ocorrência de “ali” é o de ligação trajetor-marco, sendo os alunos conceptualizados como trajetor e o lugar referido por “ali”, o marco.

5.3. *Português do Brasil*

(4) Informante: sexo masculino; idade: 22 anos; profissão: borracheiro.

F- É. (est) Aí a rapaziada chama de Maré, Nova Holanda. (est) Muitos que não conhecem lá fora, não são? (est) “Ah! Vou na Maré.” “Onde é essa Maré?” “Lá na Nova Holanda.” Aí- (ruído)

E- Hum! Está. Ei aqui no final da rua que começa [(inint)] (“assim”) – esse outro bairro (inint)? [a Maré,], aliás.

F- [É o quê?] [a Maré?] não, a Maré é depois da principal. Seguindo em frente aqui, (est) aí você vai dar numa rua transversal lá, a Maré, é bem dizer, é dali para frente, (est) não é? (est) Maré, é bem dizer, era isso aqui tudo. (est) Isso aqui tudo era embaixo [de]- de lago, [de]- de- hum! (ruído) Uma partezinha da Maré mesmo que pegava a praia, [um]- (est) um canalzinho. (est) Quer dizer, a rapaziada veio se mudando para cá, veio morando, veio [aterrando.] É, aí a [(inint) (“já”)] está quase-]...

Como podemos observar, há em (4) nove ocorrências de dêiticos de lugar, uma representada pelo dêitico “aí”, três representadas pelo dêitico “aqui”, uma representada pelo dêitico “ali”, três representadas pelo dêitico “lá” e uma representada pelo dêitico “cá”.

Na única ocorrência de “aí” (Aí a rapaziada chama de Maré, Nova Holanda) não há correspondência com o postulado por Teixeira (2005), segundo o qual, “aí” corresponde ao espaço do alocutário e, neste trecho de fala, o dêitico “aí” se refere a um espaço não pertencente ao locutor nem ao alocutário. De fato, no caso em questão, o esquema ativado é o de ligação centro-periferia e, “em “Aí a rapaziada chama de Maré, Nova Holanda”, o dêitico “aí” faz referência à periferia, na qual não se encontram o locutor nem o alocutário.

O emprego do “lá”, nas três ocorrências detectadas, está em consonância com a proposta de Teixeira (2005), constituindo um espaço não pertencente ao locutor e alocutário. Mas observemos que, as duas primeiras ocorrências de “lá”, (Muitos que não conhecem lá fora, não são? (est) “Ah! Vou na Maré”. “Onde é essa Maré?” “Lá na Nova Holanda.”), diferem da terceira, relativamente à ativação de esquema imagético. Na primeira, o circunstanciador “fora” explicita bem a relação do uso de “lá”, neste caso, com o esquema imagético de contêiner, em que a Maré é entendida como um recipiente e, assim sendo, as pessoas que não são do bairro estão do lado de fora dele. Na segunda ocorrência, embora o esquema imagético ativado seja o mesmo, Nova Holanda é o contêiner e a Maré, por sua vez, está no seu interior. Na terceira ocorrência, distintamente, “lá” associa-se ao esquema imagético de ligação trajetor-marco, em que lá faz referência ao marco, onde o falante e seu interlocutor não se encontram (Seguindo em frente aqui, (est) aí você vai dar numa rua transversal lá, a Maré).

Na única ocorrência de “ali”, na contração “dali” em “A Maré, é bem dizer, é dali para frente, (est) Não é?”, observamos que seu emprego se dá associado ao esquema imagético de ligação parte-todo. Em consonância com a proposta de Teixeira (2005), “ali” constitui um espaço não pertencente ao locutor nem ao alocutário, configurando-se como [-LOC; -ALOC].

Nas três ocorrências de “aqui” (Seguindo em frente aqui, (est) aí você vai dar numa rua transversal lá.../ a Maré, é bem dizer, é dali para frente, (est) não é? (est) Maré, é bem dizer, era isso aqui tudo. (est). Isso (aqui tudo era embaixo [de]- de lago), o dêitico em questão constitui um espaço pertencente tanto ao locutor quanto ao alocutário, e não somente ao locutor, como defendido por Teixeira (2005). No que diz respeito aos esquemas imagéticos, as suas três ocorrências estão associadas ao esquema de ligação centro-periferia, de forma que o locutor e alocutário encontram-se na região conceptualizada como o centro.

Por fim, o dêitico “cá”, em sua única ocorrência (a rapaziada veio se mudando para cá, veio morando, veio [aterrando.]), refere-se a um espaço pertencente também a ambos, locutor e alocutário, e está relacionado ao esquema imagético de ligação trajetor-marco, estando o locutor e alocutário na região conceptualizada como o marco.

Como demonstramos, na análise dos exemplos pertencentes às três variedades em estudo, são comuns as ocorrências de “aqui” e de “cá” em referência a espaços pertencentes ao locutor e ao alocutário, e não somente ao locutor, como proposto por Teixeira (2005). Também contrariando a proposta do referido autor, de acordo com a qual, “aí” refere-se ao espaço do alocutário, ocorrências de “aí” analisadas referem-se a um lugar equidistante do falante e do ouvinte, ou seja, constituem um espaço não pertencente ao locutor nem ao alocutário.

Por outro lado, vimos também que as ocorrências de “ali” e “lá” estão em consonância com a proposta de Teixeira (2005), pois configuram espaços que não pertencem ao locutor nem ao alocutário. No entanto, observamos também que tais ocorrências apresentam diferenças no que diz respeito à conceptualização do espaço referido, ou seja, em termos de esquemas imagéticos ativados, o que confirma a procedência de, na descrição/explicação referente aos dêiticos de lugar, levarem-se em conta os esquemas imagéticos ativados pelo falante no ato comunicativo em que tais dêiticos são empregados.

Considerando os resultados dos dados analisados, apresentamos nossa proposta no que tange à relação entre os usos de dêiticos de lugar e os espaços do locutor e do alocutário.

Quadro 3: Dêiticos de lugar e os espaços do locutor e do alocutário revisado

Locutor	Alocutário	Dêiticos	
+	+/-	<i>aqui</i>	cá
-	+/-	<i>aí</i>	
-	-	<i>ali</i>	Lá

Neste quadro, “aqui” e “cá” são espaços do locutor e podem ser ou não espaços do alocutário. “Aí” não é espaço do locutor, mas pode ser ou não espaço do alocutário. E, por fim, “ali” e “lá” não são espaços nem do locutor nem do alocutário.

Considerações finais

Neste trabalho, fundamentado, teoricamente, na Linguística Cognitiva, analisamos qualitativamente ocorrências de dêiticos de lugar em amostras de fala do Galego, do PP e do PB contemporâneos. Tomando como base o conceito de esquema imagético, demonstramos: (1) que uma explicação adequada, para alguns usos corriqueiros de dêiticos de lugar nas três variedades em estudo, deve considerar o esquema imagético subjacente, ou seja, a maneira como o espaço é conceptualizado pelo falante no ato de fala em que o dêitico de lugar é empregado; (2) que as relações entre dêiticos de lugar e esquemas imagéticos, no que diz respeito aos dados analisados, são semelhantes no galego, no PP e no PB; (3) que a proposta de Teixeira (2005), para descrever a relação entre espaços do locutor e do alocutário, não contempla usos corriqueiros de dêiticos de lugar nas três variedades estudadas; (4) que nossa proposta, apresentada Quadro 3, relaciona usos de dêiticos de lugar a espaços do locutor e do alocutário adequadamente nas três variedades em estudo.

Referências

- ABRAÇADO, Jussara. Como é possível vivermos e convivermos em um mundo real e nos comunicarmos exclusivamente no âmbito de um universo discursivo? In: *Alfa*, São Paulo, 55 (1): 205-224, 2011. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4174>. Acesso em 20/10/2016.
- BALDINGER, Kurt. *La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica*. Madrid, Gredos, 1963.
- BENVENISTE, Emire. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: *Problemas de Linguística Geral I*. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1991a. cap. 18. p. 247-259.
- _____. A natureza dos pronomes. In: *Problemas de Linguística Geral I*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1991b. cap. 20. p. 277-285.
- _____. Da subjetividade na linguagem. In: *Problemas de Linguística Geral I*. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1991c. cap. 21. p. 284-293.
- _____. O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de Linguística Geral II*. São Paulo: Pontes, 1989. cap. 5. p. 81-92.

- CONDÉ, Valéria Gil (2005). Particularidades da história social da língua galega. In: Silva, Luiz Antônio da.. (Org.). *A língua que falamos. Português: história, variação, discurso*. São Paulo: Globo S.A., p. 253-268
- DUQUE, Paulo. Discurso e Cognição: Uma Abordagem Baseada em Frames. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, n. 39, p. 25-48, jul./ago. 2015. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/902>. Acesso em: 18 de abril de 2016.
- FILLMORE, Charles. *Lectures on deixis*. Berkeley: University of California, 1971.
- _____. *Lectures on deixis*. California:CSLI Publications, 1997.
- FONSECA, Fernanda. Dêixis e Pragmática Linguística. In: FARIA, I. H. et al. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminhos, 1996, p. 437-445. Disponível em: <http://area.dgicd.min-edu.pt/GramaTICa/deixisirene5.html>. Acesso em: 12 de fev. de 2012.
- JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LANGACKER, Ronald. *Deixis and Subjectivity*. [S.l.: s.n.], 2002.
- LANGACKER, Ronald. *Cognitive Linguistics: basic readings*. Moton De-gruyter: Berlin; New York, 2006.
- LEVINSON, S.C. A dêixis. In: *Pragmática*. Trad. Borges e Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007
- MONTEAGUDO, Henrique. *Historia social da lingua galega*. Vigo, Galaxia, 1999.
- MORATO, Edwiges Maria. A noção de frame no contexto neuro linguístico: o que ela é capaz de explicar? In: *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição no 41*, 2010, p. 93-113.
- NASCENTES, Antenor (1922). *O Linguajar Carioca*. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 2ª. ed., 1953.
- PINA, Angelina. Esquema Imagético, Metáfora e Dinâmica de Forças: o Caso da Preposição “Contra”. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 9, 2005. *Cadernos do CNLF*, v. 9, Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2006. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/15/10.html>. Acesso em: 02 de mai. 2016.
- PONTES, Eunice. *Espaço e tempo na língua portuguesa*. Campinas: Pontes, 1992.
- PROJETO PEUL. *Banco de dados do PEUL/UFRJ amostra senso*: 1980. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014. Disponível em: <http://letras.ufrj.br/peul/amostras>. Acesso em: 15 de jan. de 2016.

- REI, Francisco Ernández; GULÍAS, Carmehermida (Eds.). *A Nosa Fala Bloques e Árias Lingüísticas do Galego*, 2ª ed. Santiago de Compostela : Consello da Cultura Galega, Arquivo Sonoro de Galicia, 2003.
- SILVA, Augusto. “A Lingüística cognitiva. Uma breve introdução a um novo paradigma em lingüística”. In: _____. *Revista Portuguesa de Humanidades*, v. I (1-2), Braga, 1997, p. 59-101.
- SOUSA, Ada. A construção de modelos situacionais no padrão discursivo narrativa em quadrinhos. *Dissertação* (Mestrado em Linguística Aplicada). Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.
- TEIXEIRA, José, 2005, “De cá para lá e de aqui para aí: rede de valores semânticos dos marcadores espaciais cá/lá/(acolá) e aqui/aí/ali “, I Vol., pp. 449-460 in Rio-Torto, Graça Maria; Figueiredo, Olívia Maria; Silva, Fátima (Coord.), Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela (2 volumes), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto. (ISBN 972-8932-06-5; ISSN 1646-0820).
- TEYSSIER, P. (1989). *Histoire de la langue portugaise*. Paris: Presses Universitaires de France. Trad. para o português: Teyssier, P. 1987. *História da língua portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa.

Recebido em 12 de agosto de 2017.

Aceito em 7 de maio de 2018.